Motrivivência v. 28, n. 49, p. 176-194, dezembro/2016

http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2016v28n49p176

A IMITAÇÃO DA INTENÇÃO E AS ATIVIDADES RITMADAS ABREM ESPAÇO PARA UMA CRIATIVIDADE QUASE DESAPARECIDA DOS CAMPOS DE FUTEBOL?

Helenir Resende Rodrigues [1]
Tarcísio José Grunennvaldt[2]

RESUMO

Os jogadores de futebol atuam de forma semelhante. Observamos que a maioria deles domina, passa, finta, chuta de forma muito homogênea; temos a impressão que os gestos são sempre os mesmos e os lances de ousadia são cada vez mais escassos. Realizamos um estudo junto à Escolinha de Futebol da FEF-UFMT, apoiada na teoria do "Se-movimentar", utilizando, nas aulas da modalidade, as atividades ritmadas, a "imitação da intenção" bem como o incentivo à imaginação e criatividade como pontos de partida para uma possível transformação desse modelo hegemônico. Observamos as possibilidades e contribuições dessas experiências alternativas de prática na melhoria das habilidades específicas dos alunos e quanto à possibilidade da escola de futebol poder se tornar um espaço de liberdade, de criatividade e de inclusão de todos os alunos, independentemente do nível de experiência com a prática da modalidade. Os resultados da experimentação foram surpreendentes e promissores.

Palavras-chave: Futebol; Liberdade; Criatividade; Imitação da Intenção; Atividades Ritmadas

1 Mestre em Educação Física. Técnico desportivo da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Cuiabá/Mato Grosso, Brasil. E-mail: heleniresende@yahoo.com.br

2 Pós-doutor em Educação Física. Professor associado da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Cuiabá/Mato Grosso, Brasil. E-mail: jotagrun@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Ensinar futebol sem a rigidez dos movimentos estereotipados e repetitivos (imitação da forma) tornando-os mais livres ao exercício da criatividade (imitação da intenção). Praticar futebol, de acordo com os preceitos de Kunz (2005), buscando atingir metas onde a intenção para realizar uma ação esportiva é mais indicada que o comando pela imitação e cópia de um modelo pré-estabelecido. Como exemplo, se o objetivo é fazer uma finalização certeira, o foco da atenção deverá voltar-se para o objetivo, ou seja, para o local que se deseja que a bola vá (o canto esquerdo da meta do time oponente, por exemplo) e jamais com relação ao próprio corpo. Os caminhos serão escolhidos pelo aluno e se farão por meio de gestos criativos, de sua livre escolha e não através de comandos, imposições e repetição de gestos pré-concebidos. Enfim, é preciso, além de entender de futebol, entender o futebol (ou seriam os futebóis?). Assim, se poderia resgatar o elo perdido que religaria o futebol de outrora (o da ousadia) com o moderno (o traçado a priori)? Kunz (2005), relata, embasado na teoria do Se-movimentar, que as práticas corporais (e os esportes fazem parte destas) devem ser carregadas de sentido para quem delas participa; não se deve apenas repetir gestos motores (imitação da forma) e propõe o desafio de se melhorar a habilidade de jogar futebol através da "imitação da intenção". Afirma que o ato de "se-movimentar" deve ser carregado de sentidos e nele sejam respeitadas as individualidades de quem pratica. Diante do fato resolvemos percorrer alguns caminhos para tentar entender e aplicar esses conceitos, até então, estranhos.

Em outra vertente, ao observar meninos e meninas que tentavam espontaneamente melhorar as habilidades de domínio com a bola, fazendo "embaixadinhas" e chutes, Kunz (2005), constatou que as deficiências a serem corrigidas não seriam somente quanto às habilidades técnicas, mas também pela falta de ritmo. Para o autor o ritmo não aparece apenas no jogo, mas em todos os gestos técnicos onde estão presentes a bola e o boleiro. O ritmo é um fator relevante no aprendizado, não somente do futebol, mas de todos os esportes. Durante o jogo observa-se que o ritmo se faz presente o tempo todo e é determinante durante a realização de qualquer jogada: da recepção, passando pela condução, pelo momento exato do passe ou da finalização. Há uma sintonia entre futebol brasileiro e ritmo: "futebol dá samba" e, para o autor, "samba pode dar futebol" (KUNZ, 2005, p. 14).

Também nos parece que o futebol evoluiu para e através da liberdade e da criatividade, portanto praticá-lo fora dessa concepção seria fazer qualquer coisa parecida com futebol. A modalidade ensinada de forma padronizada, sistematizada e ditada foge da essência do jogo, da sua concepção primeira e se faz necessário buscá-lo em sua origem, isto por que "[...] no momento em que deixamos de supervalorizar as regras regulativas, constitutivas e técnicas do esporte, ou seja, o jogar como ação respectiva a trabalho, estamos subtraindo a característica mais acentuada do esporte moderno e recuperando, parcialmente, o jogo" (BRACHT, 1997, p. 81). Suspeitamos que o espaço da escola de futebol possa estar pretendendo ofertar "receitas prontas" e pretensamente corretas. Mesmo não se possuindo todo o aparato tecnológico do rendimento, as escolinhas da modalidade, que se "dizem" inclusivas, apesar do discurso, a busca do rendimento prevalece. Como poderá ressurgir,

num ambiente desse tipo, espaços para intuição, percepção, sensibilidade e criatividade se o que perdura é a rigidez metodológica contemplando um 'fazer eficaz'. Será que está faltando jogo de futebol nas escolinhas? Suspeitamos que sim.

Com efeito, o estudo foi desenvolvido junto à Escolinha de Futebol da FEF-UFMT, apoiada na teoria do "Se-movimentar", utilizando nas aulas da modalidade, as atividades ritmadas, a "imitação da intenção" bem como o incentivo à imaginação e criatividade. Verificou-se o potencial e as contribuições dessas experiências alternativas de prática na melhoria das habilidades específicas dos alunos e, além da possibilidade da escola de futebol poder se tornar "um espaço de construção coletiva", de liberdade, de criatividade, de emancipação e de inclusão dos alunos que ainda não conseguem se relacionar corporalmente de modo razoável com o jogar futebol.

Imitar a intenção e não a forma. Quais as diferenças?

Tentando entender a imitação da intenção e que essa servisse também ao futebol, recorremos à definição encontrada em Boscatto e Kunz (2009), os quais, buscando inspiração em Becker (2004), lembram que intenção é: "a competência do agir autônomo e se traduz em colocar por si mesmo as intenções, planejar e fazer com que elas se realizem, refletir sobre o que foi feito, decidir e conduzir as modificações que se fizerem necessárias" (BOSCATTO; KUNZ, 2009, p. 192).

Estudos apontam que existem três categorias de experiências presentes em todo "fenômeno" e que estas são importantes para o entendimento da imitação da intenção também no futebol. O viver e sentir devem ser conjugados às fases de vivência da experiência em: primeiridade (que é o "estado de qualidade de sentir sem percepção do fato"); secundidade (entendida como presentidade: "na qual ocorre o choque interno pela percepção sentida no mundo"); e terceiridade (é a percepção "momento no qual ocorrem a abstração e decifração dos fenômenos") (BETTI, 2007, p.215). Através desta visualização se corporifica o se-movimentar. Portanto, é de fundamental importância, na escolinha, o professor enxergar e propor atividades respeitando as três fases anteriormente mencionadas e com isso possibilitar a imitação da intenção. E vamos tentar nos fazer entender quanto às fases da vivência de cada experiência, ou pelo menos quanto à maneira que a compreendemos. Você está em um jogo de futebol, jogando e não assistindo, e as circunstâncias do jogo o levou à área do time oponente (primeiridade: sinto sem entender), e percebe que a bola, via cruzamento vem na sua direção (secundidade: sinto, percebo-me no jogo) e você se posiciona adequadamente para finalizar (terceiridade: decifração sobre como posso agir). No primeiro estágio está a sensação/intuição – no segundo a percepção do acontecimento – e no terceiro estágio a reflexão/ação em função do acontecimento. Partindo desses pressupostos, o jogo de futebol seria uma sucessão de primeiridades, secundidades e de poucas terceiridades. Então, de que adianta treinar e treinar fundamentos racionalmente se o que perdura no momento do jogo em si (com a bola nos pés) é isso aí: primeiridade e secundidade e poucos momentos de terceiridade (reflexão/ação)?

O "se-movimentar" pode ser visto "como um comportamento pleno de sentido, como algo que acontece no interior de uma interdependência (diálogo sujeito/ mundo) relacionada ao sentido" (KUNZ *et al* 2010, p.7). O movimento humano embasado na concepção dialógica nos aponta para avançar na busca do entendimento, posto que a relação dos sujeitos com o mundo, e as coisas do mundo, por meio do movimento acontece, segundo o autor: da forma direta (pré-reflexiva), da forma aprendida ("uma intencionalidade que se forma pela ideia ou imagem do movimento") e da forma criativa ou inventiva ("criadora de possibilidades de significações numa abertura constante para o mundo"). (KUNZ *et al*, 2010, p. 9). A forma criativa ou inventiva se daria a partir da imitação da intenção e não na imitação da forma. Sobre o assunto consultamos outros estudiosos os quais estabelecem também uma diferença entre "**imitação da intenção** (movimento aberto) e **imitação da forma** (movimento fechado)" Tamboer (1979 *apud* KUNZ et al 2010). A imitação da forma "não compreende um sentido de aprendizagem, pois o movimento é encarado como um "em si", como um fim nele mesmo e perde seu sentido relacional" (KUNZ *et al*, 2010, p. 8).

Então, com base nas informações anteriores, pode-se dizer que ver uma jogada, um drible, por exemplo, e tentar fazer igual seria imitar com intenção. Ao contrário, se ao aluno for solicitado, pelo professor, que faça o mesmo drible de um modo pré-definido, seria assim uma imitação da forma. Para imitar a intenção não se poderia ter alguém a intermediar ou a mostrar como se faz? As pesquisas de Kunz *et al* (2010) apontam outros estudos que contribuem para ampliar o entendimento e mostra as possibilidades criativas proporcionadas pela chamada imitação da intenção haja vista que: "A própria recriação não é exatamente uma cópia, mas uma nova significação. O pintor aprende com o outro copiando suas obras, os traços, as cores, são a obra visível, o esboço de um movimento total que é a pintura" Merleau- Ponty (1999, p. 160 *apud* KUNZ et al, 2010, p. 9). Esse querer copiar a obra de um artista pelo outro artista configura-se em imitação da intenção.

Por outro lado, o método clássico de ensino do futebol (método parcial, por exemplo) promove e exige uma repetição exaustiva e rígida dos gestos técnicos (fundamentos) impossibilitando a ressignificação destes. O aluno dificilmente vai conceber tal gesto como próprio; será sempre o gesto que o professor "manda" fazer. O aluno se comporta como um ator figurante e não como agente e autor. Portanto, nesse caso, o aluno não apreende e não torna próprio o movimento esportivo, já que nessa concepção:

> O professor fornece o movimento a ser imitado e gradativamente oferece o *feedback* ao aluno, para que ele execute de forma correta. O aluno, portanto, está fora do seu próprio movimento [...] O aluno, neste sentido, perde um espaço criador de dar um sentido diferente aos seus atos no decorrer das atividades de movimento e relacionar com suas experiências vividas (SURDI e KUNZ, 2010, p.268).

Seria mais vantajoso se, ao invés de se oferecer movimentos pré-determinados e pré-concebidos, se optasse por uma abordagem pedagógica de diálogo, na qual o professor assume o papel de mediador e de incentivador. Nos relatos acima fica clara a necessidade da problematização pedagógica por parte do professor e da necessidade proeminente de

se buscar alternativas teórico/práticas capazes de "dar conta" dos novos desafios haja vista que as crianças, o mundo e as escolas mudaram, não sabemos se para melhor ou para pior, e a abordagem pedagógica deve mudar.

Então devemos dizer aos nossos alunos: vocês, quando estiverem praticando futebol, não mirem em mais nada além de querer: jogar, fintar, fazer gol; fazer igual ao craque do seu time. Mas lembrem-se: são vocês quem tem que querer e não (somente) o professor. "Como pode o inconsciente movimentar a espada"? E como poderia o mesmo inconsciente movimentar a bola, fazer um gol no ângulo e promover aquela finta desconcertante? O movimento não é consequência da vontade reflexiva, "Mas será a consciência responsável pela sinergia espontânea entre as partes de meu corpo? Certamente não, já que o corpo se organiza "sozinho" em função de uma intenção" (HELLER, 2003, p. 44).

Mas praticar futebol pela imitação da forma perderia a razão de ser? Não. Apenas suspeita-se que ao praticá-lo com intenção de fazer e estar fazendo o melhor e da melhor forma possível seria mais eficaz (alcançando bons resultados com menor desperdício). Não seria isso? Menor desperdício de tempo, de energia e, consequentemente, de trabalho?

Os movimentos ritmados e as bolas ritmadas

Mas o que se entende por ritmo? De acordo com Kunz (2005), todos os fenômenos apresentam uma forma rítmica, o cosmos, tudo. E o meu ritmo e os ritmos dos meus alunos, quais são? Então é fundamental entender de ritmo e dos ritmos. Vamos buscar, primeiramente sobre o que define os "componentes" que determinam o ritmo:

> Assim a determinação do ritmo pode ser atribuída a três fatores: a sua temporalidade, ou seja, à duração no tempo e espaço daquilo que se apresenta ritmicamente; à repetição ou ao retorno; e terceiro, à relação da frequência ou das repetições na dimensão espaço-tempo. Assim o ritmo passa a ser movimento que tem periodicidade e regularidade (KUNZ, 2005, p. 22).

Os movimentos ritmados mostram evidências em contribuir com o aprendizado do futebol e, paradoxalmente, estão frequentemente ausentes do ensino e aprimoramento da modalidade. Há, para Kunz (2005), muita ênfase no "treinamento de destrezas" e de "habilidades técnicas" e pouca ou nenhuma presença das atividades ritmadas na prática pedagógica dos técnicos/professores (KUNZ, 2005, p. 15).

O ritmo pode servir também para que o aluno foque sua atenção na intenção (no objetivo, no alvo, no resultado) ao invés de focar no próprio movimento? Enquanto o aluno joga não fica pensando se chuta com a perna direita ou com a esquerda, portanto a intuição que vale para o ritmo da dança vale também para o do futebol:

> Enquanto ando não fico pensando "perna direita, perna esquerda, levantar o joelho, abaixar o joelho" – se pensasse nisso, provavelmente meu movimento seria completamente antinatural e desengonçado, e acabaria tropeçando em poucos passos. Também não penso para respirar: a respiração acontece (HELLER, 2003, p. 41).

Com isso suspeita-se que o fato de ater-se ao ritmo do jogo de futebol contribua para a prevalência do foco na intenção. Ritmo e intenção poderiam se complementar reciprocamente, e se esperaria que da junção de ambos pudesse ressurgir um ambiente propício à criatividade. E de acordo com Kunz (2005), "No caso do ritmo dos esportes em geral, pode-se dizer que a cópia e a imitação, ou seja, a 'execução de partituras fixas', é ainda mais severa que na música e na dança" (KUNZ, 2005, p.23). Mas suspeita-se que ao se realizar uma "jogada" no futebol, imprevisível e criativa não tenha havido um planejamento imediatamente anterior, apenas e tão somente uma sequência de um repertório inconsciente que se aflorou ritmicamente e resolveu o problema de forma brilhantemente competente.

Um pequeno trecho do livro do professor Kunz: "Isto pode ser exemplificado no futebol, da seguinte forma: chutando bolas de diferentes tamanhos e materiais (couro, borracha, espuma) e de diferentes distâncias a uma parede, mantendo um certo ritmo" (KUNZ, 2005, p. 27) nos inspirou a experimentar a atividade proposta aqui e ir além: jogar com cinco bolas diferentes durante um jogo de trinta a quarenta minutos. O desenrolar dessa experimentação foi surpreendente e os resultados serão discutidos no tópico específico.

A liberdade para a criatividade e as habilidades específicas do futebol

Os olheiros dos clubes de futebol que investem na formação de jogadores (categorias de base) têm o chamado "olho clínico", mas, o que eles percebem nos pupilos? "O olheiro é esta ponte (ou porta), que liga o mundo vivido do futebol à possibilidade da profissionalização, o que vai depender, destarte, da capacidade de se incorporar os dispositivos pedagógicos do treinamento esportivo" (BITENCOURT, 2010, p. 2020). O que eles veem que nós comuns não percebemos? Suspeitamos, embasados em Kunz, 2000, que são portadores de muita sensibilidade, intuição e percepção e, por isso, são capazes de identificar potenciais jogadores criativos e habilidosos. Também suspeitamos que para ser criativo e, consequentemente, habilidoso faz-se necessário ter sensibilidade, intuição e percepção, acima dos comuns:

> [...] e para além, imiscuído não como silêncio, um saber que nasce da experiência, reside no olhar e se materializa na intuição antecipada que descobre o talento e que, depois, passados pelo filtro dos investimentos do treinamento, ainda reconhece e categoriza o futuro dos meninos aos quais um dia incitou, pela descoberta, a vida de jogador de futebol (BITENCOURT, 2010, p. 2020).

A criatividade pode ser confundida, no meio futebolístico, com habilidade de jogar, com maestria e de fato as duas qualidades se mesclam no sentido de que a criatividade seja exercida em função de obter maior êxito nas ações de jogo e no fato de ser "claro e obscuro" de acordo com as circunstâncias. Quanto à questão da habilidade imaginamos que esteja muito mais ligada ao aguçamento da sensibilidade, da intuição e da percepção. Podemos concordar efetivamente com a seguinte afirmação, e a nós também parece bastante óbvio que:

> [...] É muito mais difícil monitorar equipes criativas do que padronizadas. Mas o que é jogar criativamente? A meu ver movimentar-se na quadra adequada e inteligentemente. Em outras palavras, implica saber abrir e ocupar espaços, posicionar-se corretamente e cumprir os princípios mínimos do jogo de ataque – sair do campo visual do marcador, entrar na bola, projetar-se sem bola, acelerar o passe... (SANTANA, 2004, p. 72).

Mas a criatividade vai muito além e isso tudo que fora mencionado acima não se resumiria essencialmente que para ser criativo tem-se que ter atenção, percepção, intuição, imaginação, sensibilidade e ritmo? E isso não é comumente ensinado e nem incentivado na escola de iniciação ao futebol?

Mechsner (2014), evidencia que também a maneira como imaginamos mentalmente um movimento exerce grande influência sobre sua realização. Portanto faz sentido "uma intencionalidade que se forma pela ideia ou imagem do movimento"? E relata que desde a década de 50 o físico israelense Moshé Feldenkrais:

> Estava convencido de que nem sempre as mesmas sequências motoras é o melhor a fazer quando se deseja aperfeiçoar novos movimentos em processo de aprendizado. Muito mais sensato seria, ao contrário, refinar a percepção que se tem de si mesmo. A imaginação possibilita progresso maior que a ação (MESCHSNER, 2014, p. 14).

Existem diferenças fundamentais com relação à ênfase dada aos aspectos motores em comparação com os movimentos intencionais, e novamente pode-se suspeitar que haja o entrelaçamento de intenção e imaginação. Mas, mesmo reconhecendo que o poder da imaginação é infinito e lançar mão desse recurso poderia alargar os caminhos para se alcançar uma prática satisfatória em futebol, não é propósito prioritário no presente estudo aprofundar-se na elucidação do tema. Para o aumento da criatividade dos alunos de futebol e mesmo das habilidades específicas, acredita-se que os conteúdos de imitação da intenção e atividades ritmadas poderão contribuir significativamente.

Para ser criativo é necessário que o aluno do futebol não tenha medo de errar e, às vezes, poder rir dos próprios erros é salutar. E não é esse comportamento que estamos acostumados a observar nas aulas das escolinhas. Vemos professores sisudos e aos "berros" admoestando os alunos por terem cometido erros. Em um ambiente desses pode acontecer momentos de criatividade? O que se tem que fazer, de acordo com o ponto de vista desses professores/técnicos, está pronto, portanto ou é certo ou errado. Novamente temos que admitir que a teoria do Se-movimentar (com fundamentação fenomenológica) aponta caminhos para a imitação da intenção, a qual abre espaço, de acordo com Kunz (2000), para a sensibilidade, a percepção e a intuição, qualidades que juntas com a liberdade de tentar e de errar podem favorecer e criatividade e a maestria:

> A *sensibilidade* que conhecemos quando a bola "cola" no pé de um jogador de futebol. *A percepção* de tempo e espaço de um modo diferente, por exemplo, das grandezas físicas e mensuráveis destas, que se conhece em jogos coletivos. E, a

> *Intuição* como na situação de "ver" antecipadamente o êxito ou o fracasso, de um lance no jogo (KUNZ, 2000, p. 02).

Então se não for possível incentivar a criatividade, certamente os professores devem ser capazes de criar meios para que a mesma possa se fazer. Atividades voltadas ao desenvolvimento e ou aprimoramento da percepção dos alunos jogadores, com relação a eles mesmos, podem ser fundamentais para aumentar o poder criativo destes e ao mesmo tempo torná-los mais habilidosos no trato com a bola tendo em vista que "para o esporte isto pode significar que minha percepção é determinada pelos movimentos que realizo e os movimentos realizados são, ao mesmo tempo, determinados pela percepção" (KUNZ, 2000, p. 07). Então poderia se suspeitar que ao melhorar a percepção se melhorassem também os movimentos do esporte podendo favorecer para que eles se tornarem mais complexos e pouco decifráveis?

OBJETIVOS DO ESTUDO

Dentre os objetivos do estudo, vamos destacar a **imitação da intenção, as atividades ritmadas e a liberdade com incentivo à criatividade.** Desenvolvemos um estudo exploratório junto à Escolinha de Futebol da FEF-UFMT, apoiada na teoria do "Se-movimentar", utilizando, nas aulas da modalidade, as atividades alternativas de prática desportiva acima descritas. Verificar as possibilidades e contribuições dessas experiências na melhoria das habilidades específicas dos alunos e quanto à possibilidade da escola de futebol poder se tornar um espaço de liberdade, de criatividade e de inclusão dos alunos "comuns".

- Entender e aplicar os conceitos de aprendizagem do futebol pela **imitação da intenção** e com **atividades ritmadas** adaptadas a esse esporte.
- Observar e descrever os ganhos dos alunos em habilidades específicas (passe e condução), criatividade/inventividade.
- Investigar, a partir de uma análise crítica-reflexiva, através das falas dos entrevistados (alunos e pais), quanto à capacidade de percepção destes com relação à metodologia do futebol adotada com a proposta da pesquisa.
- Entender as dificuldades dos alunos comuns e perceber se os conteúdos propostos os ajudariam a tornarem-se mais habilidosos, confiantes e bem aceitos pelos seus pares mais habilidosos.

MATERIAL E MÉTODO

Caracterização do estudo: é difícil classificar as pesquisas, pois, o que se tem claro são as inquietações e os objetivos; as denominações, às vezes não apresentam sentido e são muito confusas. Enfim, diante dos fatos, pensamos não existir um purismo metodológico em boa parte das pesquisas; o que haveria, por certo, seria uma metodologia mesclada

e, **à**s vezes, de difícil classificação. Mas o método poderia se sobrepor aos interesses de desvelamento? Afinal, o que **é** uma pesquisa?

> O fim, apresentando-se a questão de uma maneira simples e rápida, é tornar conhecida qualquer coisa previamente desconhecida para os seres humanos. E alargar o conhecimento humano, torná-lo mais seguro ou mais ajustado e, de certo modo, em termos mais técnicos, alargar o fundo dos símbolos humanos a áreas do conhecimento ainda não abrangidas por ele. Como disse, a finalidade é a descoberta (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 40).

Entendemos como bastante razoável a definição citada anteriormente a esse respeito, que o que mais importa é o objetivo de descobrir algo sobre alguma coisa. E ratificando as falas de Elias:

> Não obstante, essa finalidade de descoberta tem sido obscurecida e desvirtuada por discussões formais que envolvem o "método" de investigação científica. Sem dúvida que tal mudança de ênfase, da discussão do objetivo e da função da investigação para focalizar o método, resulta, em termos sociológicos, numa sintomática luta de poder (GRUNENNVALDT, SD, p.240).

Enfim, mesmo correndo o risco de cometer equívocos concordamos em classificar. Foi desenvolvida uma pesquisa exploratória, assim designada porque "[...] tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores" (GIL, 1999, p.43) e descritivo-interpretativa-avaliativa[3] com objetivos qualitativos e quantitativos, junto à Escolinha de Futebol da FEF-UFM; e apoiada na teoria do "Se-movimentar", utilizando, nas aulas da modalidade, a "imitação da intenção", as atividades ritmadas e o incentivo à criatividade.

Os Participantes do estudo foram dezoito (18) crianças do sexo masculino com idade entre dez (10) e quatorze (14) anos comprovados no período de matrícula. Os meninos foram matriculados no projeto Escolinha de Futebol da UFMT obedecendo à ordem de chegada durante o período de matrícula; a idade estabelecida e declarar não possuir nenhum impeditivo para realizar atividade física de moderada a alta intensidade.

Processo de investigação e procedimentos para obtenção de informações: teste de precisão de passe e condução – invenção criativa (através de observação dos professores). No final do estudo foi aplicado um questionário e, no momento vamos destacar apenas uma pergunta: sobre a **percepção dos alunos com relação às aulas do professor** (as experiências alternativas dos conteúdos desenvolvidos). A intenção inicial da pergunta seria

3 Descritiva: quando apresenta com detalhes o objeto/caso estudado. Geralmente não está guiada por generalizações hipotéticas ou preconcebidas. Interpretativa: quando mesmo contendo descrição rica e consistente, esta é utilizada para gerar categorias conceituais ou para ilustrar, apoiar ou desafiar afirmações teóricas. Avaliativa: quando o propósito do estudo é, além de descrever e explicar, também emitir juízos (MOLINA, 2004, p.98).

a de obter relatos dos alunos quanto ao que acontecera de mais marcante no transcorrer dos trinta encontros que tivemos. O que contemplaria a um dos objetivos do estudo: o de investigar a percepção dos alunos com relação às atividades 'alternativas' adotadas como proposta da pesquisa. Todos os procedimentos avaliativos foram realizados no início e ao final do estudo.

A experimentação: Constituiu-se e trinta encontros/aulas, as quais aconteceram durante os meses de setembro a dezembro de 2015.

Preocupações éticas do estudo: os procedimentos empregados na pesquisa estão de acordo com os princípios éticos que orientam a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e foi devidamente autorizada pelos pais (responsáveis) através do Termo de Consentimento e Declaração, anexos à ficha de inscrição do aluno, junto à Escola de Futebol da FEF/UFMT.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os testes mostram, mas somente uma leitura mais atenta pode revelar.

No início dos estudos, durante os testes de passe e condução observamos muita dificuldade: de controle de bola, de condução e no direcionamento da bola ao alvo. Os referidos testes serviram para verificar a média de acertos (passe) e tempo de condução de bola (condução entre cones) de todos os alunos no início do estudo e repetidos ao final de trinta aulas, com objetivo de servir como um dos modos de comparação entre o antes e o depois.

Cremos que os testes responderam parcialmente a alguns objetivos do estudo e nem sempre as "coisas" acontecem da forma que as imaginamos. Somente através da lente da intuição e da sabedoria tradicional pudemos perceber que os ditos testes não conseguiram de fato testar, ou talvez, tenham testado de forma não comparável, inteligível. As variáveis (terreno, umidade, motivação) provavelmente tenham sido mais significativas que a validade e fidedignidade do protocolo. Sem contar que, de acordo com a teoria do Se-movimentar, não se deveria avaliar as jogadas do futebol e sim crianças se movimentando num jogo de bolas[4] e sob influências variadas: volitiva, emocional, nutricional, física[5]. Realmente não é possível dizer, e nem recomendável dizer, apenas aquilo que os testes quantificaram. Um contraponto ao reconhecimento de que "o homem passa a ser cada vez mais um objeto à disposição do conhecimento científico superespecializado, da mídia e da propaganda, da educação e de todas as instituições que colaboram na formação de interesses e desejos que o mesmo deve assumir" (KUNZ, 1999, p. 36). Voltando aos resultados dos testes: os meninos (todos), pela observação, estão hoje jogando muito melhor que antes: mais habilidosos no trato com as bolas, mais confiantes, mais livres, mais alegres e criativos.

4 Várias bolas diferentes durante o jogo

5 Física no sentido de fadiga, cansaço e não de acordo com o princípio da dualidade corpo-espírito, etc.

Mas, os testes não conseguiram, penso que especialmente na avaliação final, mostrar-nos o que parecia o óbvio. Os resultados dos mesmos foram semelhantes no início e no final do estudo, portanto torna-se desnecessário mostrar aqui as tabelas comparativas. Aliás, não conheço nenhum teste que meça essas qualidades melhor que o olhar atento, a percepção e a intuição de um professor cuidadoso.

E os movimentos ritmados? Será que os meninos se esqueceram deles?

Os alunos perceberam e, provavelmente, aquilo se tratou de um fato marcante, a presença de várias bolas durante o jogo e seria bastante natural que fosse estranhada pela maioria. Sobre o assunto bolas diversas muito bem tratou Kunz (2005) e, no trecho abaixo encontramos mais sugestões quanto à possível contribuição da diversidade de materiais e nas modificações nas formas e dimensões de campos e quadras:

> Utilizar uma gama de materiais mais diversificada, que extrapolem a bola e o cone. "Bolas de diferentes tamanhos, pesos e texturas, inclusive de outros esportes, podem representar uma riqueza de situações ímpares, além de contribuir com a aprendizagem do esporte em questão. Brincar com as dimensões de campo e quadra, altura e largura de traves, número maior ou menor de jogadores, também são estratégias que podem ser viáveis no desenvolvimento do processo" (REZER, 2003, p. 133).

Resolvemos ampliar as possibilidades das bolas múltiplas, conforme relatado na introdução, explorando os vários ajustes de ritmo proporcionados por elas durante o jogo de futebol. No quadro abaixo detalhamos os modelos de bolas utilizados. Durante trinta a quarenta minutos de jogo, trocávamos a bola a cada cinco ou seis minutos. Os alunos se achavam na obrigação de se adequarem ao ritmo de cada uma delas. Ao final do estudo veio a constatação da parte dos meninos:

"Professor, quando chegamos na bola 'normal' tudo fica mais fácil".

No início do estudo exploratório pareceu claro para nós que as atividades de ritmo causaram muita estranheza aos alunos; porém, no decurso do experimento, o ritmo e as atividades tornaram-se rotineiros. Os alunos literalmente incorporaram o ritmo à rotina das aulas de futebol: embaixadinhas ritmadas, passos de dança e troca de passes, toque de bolas ao muro obedecendo ao ritmo externo, jogo com bolas diferentes a cada momento (tênis, borracha, handebol...) experiências relatadas em memoriais descritivos. Os meninos do futebol se destravaram, ficaram mais soltos no jogo e, penso que mais livres, em função também dessas experiências. O futebol jogado passou a fluir melhor, sem tantos trancos e, muito provavelmente, mais natural e mais intencional. Uma das atividades de ritmo: o aluno posicionado a dois metros de uma parede de 60 cm de altura dentro de um quadrado de 2m x 2m. A bola não devia ficar parada durante a atividade com cada uma delas e não escapar do quadrado demarcado com cones. Cada parada ou escapada da bola

quantificava-se como uma perda de controle. A cada "falta" o cronômetro seria parado e reiniciado com a bola ativa. Objetivo: manter o mesmo ritmo (um, dois, três, já) durante a atividade com cada uma das bolas, com o professor "ditando" o ritmo com a contagem e tomada do tempo. As bolas utilizadas na atividade foram as seguintes:

Quadro 01 – As bolas da atividade/teste e do jogo

Bolas	Leve pequena	Handebol infantil	Borracha densa	Futebol nº quatro	Futebol infantil
Peso Aproximado	123 g	227 g	334 g	337 g	415 g
Circunferência aproximada	43 cm	49 cm	57 cm	65 cm	72 cm
Característica principal	Rápida	Dura	Macia	Menor impacto	"Normal"

Fonte: elaboração própria.

Critérios arbitrários de observação e classificação foram criados e consistiam em observar se o aluno conseguiria manter bem o ritmo, com o máximo de três perdas de controle das bolas **(nível três);** se conseguiria manter parcialmente o ritmo e ter de quatro a seis perdas de controle das bolas **(nível dois)** ou se não conseguiria manter o ritmo razoavelmente, mais de seis perdas de controle das bolas **(nível um).**

O mais importante é que cada uma das bolas tem circunferência e peso não coincidentes e confeccionadas com, no mínimo, quatro materiais diferentes; o que exigiu o devido ajuste rítmico por parte dos alunos a cada uma delas. Medimos as circunferências das bolas e as pesamos com vistas a verificar as reais diferenças entre elas, além do óbvio.

A atividade de ritmo, como explicitado acima, foi de baixa complexidade e, mesmo assim, as dificuldades manifestaram-se com muita intensidade na realização durante o estudo experimental. Observamos que as dificuldades expostas ocorreram, especialmente no primeiro momento, devido ao foco da atenção na forma e no próprio corpo.

A tabela abaixo ilustra resumidamente aquela evolução, considerando que o nível **um** é o pior e o nível **três** o melhor, considerados numa escala crescente de evolução:

Quadro 02 – Resultados da atividade de ritmo

Fases	Alunos	Nível um	Nível dois	Nível três
Aula três	12	Seis = 50%	Seis = 50%	Nenhum
Aula vinte e três	14	Nenhum	Nove = 64%	Cinco = 36%

Fonte: elaboração própria.

Talvez a evolução tenha ocorrido com os nossos alunos em virtude daquilo que Kunz (2005) estabelece como o encontro do ritmo de uma forma global pela intenção, ou

seja, eles passaram a focar a atenção na contagem e no ritmo externo, portanto na intenção, e não mais nos movimentos do próprio corpo, para realizar a tarefa:

> Como exemplo posso citar o mesmo anterior, ou seja, do chute de bola à parede, em que não se acentuam as destrezas de forma individual, ou seja, forma de bater na bola, inclinação do corpo, distância do corpo com a bola, etc., mas globalmente, no contexto e na intenção, estabelece-se um diálogo no qual o ritmo imprime a melhor forma de executar a tarefa de movimento, levando cada um a vivenciar o "seu" sucesso particular (KUNZ, 2005, p.29).

Claramente houve uma melhoria de desempenho na prática daquela tarefa motora. Evidenciou-se que alunos mais habilidosos no jogo de futebol têm mais facilidade em manter o ritmo sem perder o controle da bola. Mais uma vez observou-se que ritmo, controle (domínio) e competência no jogo são capacidades que se entrelaçam. Dentre tantas opções de avanço qualitativo para as aulas de futebol na escolinha o ritmo, no nosso ponto de vista, é uma das mais promissoras.

A imitação da intenção, como se deu a experiência:

Talvez uma definição nos ajude a entender a importância da imitação da intenção para a volta da liberdade meio esquecida também no ambiente da escolinha, e significa que é muito importante "aprender a olhar o movimento humano em sua totalidade e, para isso, é preciso abandonar muitos dos estereótipos de movimentos que nos são muitas vezes impostos, tanto pelos padrões das técnicas específicas, quanto pela mídia" (MARQUES 2012, p. 107), e acrescentaríamos: sem sentido. Conforme relatado anteriormente e reforçado aqui, com crianças do futebol aparentemente aconteceu algo parecido: faça uma jogada do seu craque modelo, pense no jeito dele e faça do seu jeito, pense e olhe onde quer chutar, foque nos objetivos, nas metas, não necessita saber e olhar com qual parte do pé vai tocar na bola, faça da forma que acontece no jogo e lá no jogo ninguém tem tempo de olhar para o pé. Perceberam o sentido no se-movimentar do jogo de futebol ao ser-lhes permitido poder tentar e até ser incentivado a fazer igual ao jogador admirado, mas sem imposição. Jogar tendo na mira um modelo: quero fazer igual, para depois, quiçá, poder fazer melhor. Começa a se desenhar uma nova forma de jogar: jogar reconhecendo os próprios motivos e as maneiras de um querer jogar bem. Percebemos que os nossos alunos, a partir daí, passaram a buscar, a questionar o tal sentido das atividades, não o sentido utilitarista do tipo: "para que serve isso?" E sim um sentido voltado para um gostar efetivamente: "aqui é minha praia" ou "aqui eu me encontro, me reconheço e me identifico". Teria que dizer mais? Então a resposta nos parece ser mesmo sim. Em consonância com as evidências por nós percebidas e destacadas, apresentamos também a percepção dos alunos em relação às aulas com as atividades alternativas.

> *VR: "Foi muito interessante porque aprendi tocar a bola, saber a posição do jogador,* ***dominar as bolas de todos os tamanhos****. Só tenho a te agradecer".*

MA: "As aulas foram boas e aprendi muito, eu adoro as aulas de futebol".

JL: "Uma aula muito boa. Aprendi mais os básicos do futebol, uma aula que desenvolve mais o futebol".

HR: "De uma forma legal porque você ensinou a marcação, passe de bola e etc.".

MR: "Eu gostei de todas as atividades praticadas durante seu ensino".

Alguns alunos perceberam um pouco além. Um deles (VR), cuja resposta está acima, percebeu e, provavelmente, aquilo se tratou de um fato marcante, a presença de várias bolas durante o jogo e seria bastante natural que fosse mencionado pela maioria, mas surpreendentemente, apenas esse aluno lembrou-se de relatar sobre as bolas múltiplas em sua manifestação.

O aluno JL percebeu "uma aula que desenvolve mais o futebol". Esse fato, creio, foi também destaque em nossos encontros visto que em torno de dois terços do tempo de cada aula foi sempre dedicado ao jogo (reduzido situacional, tático e rachão mesmo).

A imitação da intenção foi um pano de fundo das nossas aulas, não foi muito falada, foi sim praticada: "bata o pênalti conforme o pênalti do craque do seu time, mas do jeito seu"! "Quando quiseres chutar no cantinho da trave não me pergunte como fazer, olhe, queira e chute"! "Para driblar, fintar, fazer gol? Queira, ensaie mentalmente"! "Não olhe para você, nem para seus pés, olhe para onde você quer que a bola vá"! Isso é imitação da intenção. Não se fala, se faz.

Achamos importante relatar quanto à assiduidade dos alunos durante o semestre que transcorreu o presente estudo. Tivemos um índice baixíssimo de faltas (até dez por cento), ou seja, o máximo de ausência por aluno foi de três faltas, dentre os trinta encontros. Por volta de oitenta por cento dos alunos teve de zero a uma falta durante o período todo. Outra constatação animadora refere-se a não desistência de nenhum aluno. Dezoito alunos iniciaram e concluíram as aulas do presente estudo. Talvez tenhamos aqui a prova maior de que realmente os alunos gostaram das aulas com as novas práticas. Em anos anteriores, dentre os alunos matriculados na escolinha houve, em média, vinte por cento de desistência e, aproximadamente, o mesmo percentual de faltas (vinte por cento) durante o semestre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria do se-movimentar com sua base fenomenológica nos remete à causa primordial do chute (com os pés) desferido no primeiro objeto esférico e que tenha provocado outros e outros, agora por diversão: "quando foi feito o primeiro desenho na parede da caverna, foi prometido um mundo a pintar, o qual os pintores não fizeram senão retomar e reabrir [...]" Chauí, (2010, p.286 *apud* MARQUES, 2012, p. 112), e complementaríamos: depois disso, foi prometido um mundo a jogar e os jogadores "não fizeram senão retomar e

reabrir[6]". E o jogo evoluiu e quanto mais evoluído, mais distante da origem e, de repente, nem seria mais jogo?

Seria muita pretensão querer respostas prontas e acabadas para todas as nossas inquietações com relação à pedagogia, à metodologia e à didática voltadas ao ensino do futebol na escolinha. Portanto, não esperamos editar uma receita das certezas, mas talvez um exemplo de exercício da dúvida, da angústia e da incerteza.[7] Reconhecemos que, de fato, o mundo do se-movimentar mudou, as pessoas mudaram e a escolinha deve mudar, e pensamos que esteja de fato mudando.

A imitação da intenção é mais adequada que a imitação da forma? Atire a primeira pedra aquele que acha que o futebol brasileiro é ainda hoje disparadamente o melhor do mundo, celeiro de craques fora de série, exportador hegemônico de talentos e de modelos de criatividade e improvisação? Está tudo ótimo assim e não precisamos nos preocupar? Dissertando sobre a dança Marques (2012) traz depoimentos de estudiosos que afirmam sobre a importância da improvisação, no caso, a dança. Somente a improvisação é capaz de desviar-se "dos rígidos processos de aprendizagem". E devido a forte tendência a "desportivização", em virtude dos objetivos competitivos, faz com que a dança e os esportes acabam engessados, fixos, prontos e acabados. Então, em ambientes como os do exemplo, pensamos ser muito difícil as atitudes criativas e imprevisíveis, as quais só poderiam ser gestadas em ambientes de liberdade. Uma das nossas pretensões com as "experiências alternativas" seria de se promover um ambiente propício à manifestação da liberdade criativa e com espaço para o improviso. A indagação contida no problema é mais no sentido de uma provocação do que propriamente uma meta de descoberta ou de constatação. Não ousamos afirmar, mas continuamos suspeitando que a resposta possa ser sim, ou seja, suspeitamos, e devemos suspeitar, que o distanciamento da essência (livre, na rua, nos campinhos, sem a presença do professor metido a "sabe tudo"...) pode estar asfixiando o futebol. Também é verdade que uma parcela considerável das escolinhas de futebol ainda pretende ensinar a jogar futebol, e, talvez, sem indagar: como se ensina futebol? Ancorados nos conhecimentos da teoria do Se-movimentar e, consequentemente, da imitação da intenção podemos desconfiar que o rigor quanto à reprodução dos gestos técnicos do futebol (imitação da forma) estaria sim inibindo a liberdade e, consequentemente, a criatividade a qual, logicamente, está atrelada à primeira.

A imitação da intenção, o incentivo à criatividade e as atividades ritmadas são possibilidades (novas ou não), que são abordadas aqui numa estreita ligação com a teoria do Se-movimentar e, consequentemente, com a fenomenologia. A fenomenologia, que tem

---

6 Numa alusão aos escritos de Marilena Chauí (2010): CHAUI, M. **Merleau-Ponty: o que as artes ensinam à filosofia.** In: HADDOCK-LOBO, R. (org.). **Os filósofos e a arte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

7 O conhecimento-emancipação ao se transformar em senso comum, não há o desprezo ao conhecimento que gera a tecnologia, mas se entende que tal como o conhecimento deve traduzir-se em autoconhecimento, e toda a tecnologia deve traduzir-se em "sabedoria de vida" de modo que: a sabedoria de vida "[...] assinala os marcos da prudência à nossa aventura científica, sendo essa prudência o reconhecimento e o controlo da insegurança. Tal como Descartes, no limiar da ciência moderna, exerceu a dúvida em vez de a sofrer, nós, no limiar de um novo paradigma epistemológico, devemos exercer a insegurança em vez de a sofrer" (SANTOS, 2007, p. 109).

como objeto de estudo os fenômenos ligados ao ser e "identifica o que existe de único na existência humana, ao reconhecer que o homem se faz num certo tempo e lugar, com um determinado tipo de experiência" (SURDI; KUNZ, 2010, p. 263). A teoria do Se-movimentar aborda o envolvimento desse ser na relação dialógica com o mundo. Esse ser e estar no mundo em um diálogo constante de perguntas e respostas: o sujeito no mundo. Dentro de uma abordagem embasada na concepção da referida teoria, portanto emancipadora de acordo com o entendimento do professor Elenor Kunz, a atenção volta-se para o ser que pratica futebol (o aluno); o professor passaria, nessa ótica, a exercer o papel de mediador, de facilitador e de líder; o jogo de futebol poderia, nessa lógica, ser mais cooperativo que propriamente competitivo, e buscar um sentido mais voltado para um jogar com o outro time, ao invés de jogar contra; nesse caso objetivaria a inclusão de todos e, além de ter oportunidade de aprender futebol, o aluno teria a oportunidade de adquirir saberes, se fazer pela experiência do futebol e do mundo do futebol, desfazendo-se de uma prática "alienante e descompromissada".

Não percebemos nenhuma evidência de um possível estranhamento ou, menos ainda, de qualquer manifestação de rejeição com relação às atividades "alternativas". Acreditamos que o "se-movimentar" dos alunos na escolinha possa "conduzir à "compreensão-de-mundo" (também do futebol) "pelo agir, desde que o processo de ensino e aprendizagem não se restrinja à imitação da forma (padrões de movimento já fixados) e dirija-se à busca da transcendência aprendida, que abre a possibilidade do encontro criativo ou inventivo com o 'mundo do movimento'" (Tamboer, 1979 *apud* BETTI et al, 2007, p.48) do futebol.

Sobre as possibilidades da escola de futebol poder se tornar um espaço de liberdade, de criatividade, e de inclusão dos alunos que ainda não conseguem se relacionar corporalmente de modo razoável com o jogar futebol? Pensamos que o futebol da escolinha inclusiva deva seguir um exemplo da dança, por que a mesma deve se desvincular dos "estereótipos de corpo, que seja um espaço de participação da diversidade e dos corpos diferentes" (Xavier, 2007, *apud* MARQUES, 2012). Que o futebol "da escolinha" seja isso também. As atividades alternativas foram sendo, gradativamente, aceitas e compreendidas por parte dos alunos, todos comuns, e, portanto, não tivemos, sequer, uma única desistência no grupo em comparação com a média de desistência dos últimos cinco anos, que beira os vinte pontos percentuais. Isso vale também para endossar a continuidade das outras experiências alternativas. Claro que existem outras variáveis para se medir quanto agentes motivadores para permanência e desistência, mas não é objetivo do nosso estudo aprofundar nessas questões no momento. Mas, acreditamos que na presente experimentação, as atividades alternativas foram determinantes na inclusão dos alunos menos habilidosos no futebol. Ao focarmos as intenções na direção do futebol voltado à participação de todos, portanto sem seleção e sem peneiras, fazendo o "esporte da escolinha" ao invés do "esporte na escolinha" [8] poderemos obter um avanço considerável nessa direção.

8 "Esporte na escolinha" e "esporte da escolinha" é uma analogia aos conceitos desenvolvidos por Valter Bracht no livro Educação Física e aprendizagem social, 1992.

Não esgotamos no estudo as perspectivas que representam a teoria do Se-movimentar, as atividades ritmadas no futebol e a abordagem pedagógica da imitação da intenção na mediação das aulas de futebol nas escolinhas. Fomos sim propositivos, experimentamos algumas das possibilidades que esses caminhos nos oferecem. Só isso. Com certeza tais abordagens vão continuar contribuindo para uma gradativa e consciente "transformação didático-pedagógica da escolinha de futebol. Finalizando, acreditamos num modelo de escolinha de futebol", em conformidade com a ideia de que ela seja um local onde **não** se veja na criança "apenas um objeto executor de movimentos pré-estabelecidos e direcionados para esportes, danças, lutas e outras formas de destreza motora" (SURDI e KUNZ, 2010, p. 265), mas que as veja como seres que estão no mundo pelo se-movimentar e para se movimentarem.

REFERÊNCIAS

BETTI, Mauro. Educação Física e cultura corporal de movimento**:** uma perspectiva fenomenológica e semiótica **– Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 18, n. 2, p. 207-217, 2. sem. 2007.

BETTI, Mauro et al. Por uma didática da possibilidade: Implicações da fenomenologia de Merleau-ponty para a educação física - **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 39-53, jan. 2007.

BITENCOURT, Fernando Gonçalves. A ciência, o olhar e o se-movimentar: uma fenomenologia do futebol – ou de como o CAP encontra talentos – Motrivivência, Ano XXII, Nº 34, P. 186-207 Jun./2010. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia. Acesso em: 02-03-2-10.

BOSCATTO, Juliano; Daniel KUNZ, Elenor. Didática comunicativa: contribuições para a legitimação pedagógica da educação física escolar **- Revista da Educação Física/UEM** Maringá, v. 20, n. 2, p. 183-195, 2. trim. 2009.

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social** – segunda edição – Porto Alegre: Magister, 1997.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

GRUNENNVALDT, José Tarcísio - **O esporte na visão do mestre das figurações** – XI Simpósio Internacional Processo civilizador: "*civilizacion, cultura e instituciones*" – Buenos Aires – Argentina, SD.

HELLER, Alberto Andrés. **ritmo, motricidade, expressão: o tempo vivido na música -** Dissertação de Mestrado - Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, (2003).

KUNZ, Elenor *et al*. **Didática da educação física três: futebol.** / Org. Elenor Kunz. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

KUNZ, Elenor *et al***.** Ontologia do movimento humano: teoria do "se-movimentar" humano **– Revista Pensar a Prática***,* Goiânia, v. 13, n. 3, p. 112, set./dez. 2010.

KUNZ, Elenor. Esclarecimento e emancipação: pressupostos de uma teoria educacional

crítica para a Educação Física – **Revista Movimento** – Ano V – Nº 10 – 1999/1.

KUNZ, Elenor. Esporte: uma abordagem com a fenomenologia **– Revista Movimento** - Ano VI - Nº 12 - 2000/1.

MARQUES, Danieli Alves Pereira. **O "se-movimentar" na dança: uma abertura para novas significações – diálogos na educação -** Dissertação de Mestrado. Centro de Desportos. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

MESCHSNER, Fraz. O poder da imaginação **– Revista mente cérebro – cérebro em movimento 2** – Pinheiros, nº 45, p. 14-19, Ed. Especial - Ediouro –2014

MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva (orgs); GIL, Juana Maria Sancho *et al*. **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas** – 2. ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS/SULINA, 2004.

REZER, Ricardo. **A prática pedagógica em escolinhas de futebol/futsal – Possíveis perspectivas de superação.** Dissertação de Mestrado. Centro de Desportos. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, (2003).

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTANA, Wilton Carlos de**. Futsal: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização** – Coleção Educação Física e Esportes. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SURDI, Aguinaldo Cesar; KUNZ, Elenor. Fenomenologia, movimento humano e a educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 04, p. 263-290, outubro/dezembro de 2010.

IMITATION OF INTENT AND RHYTHMICAL ACTIVITIES SPACE OPEN FOR CREATIVITY ALMOST MISSING OF SOCCER FIELDS?

ABSTRACT

Football players act in a similar way. We observed that most of them dominates, passes, dribbles, shoots very homogeneously; we have the impression that the gestures are always the same and the boldness bids are increasingly scarce. We conducted a study with the Football Little School FEF-UFMT, based on the theory of "If-move", using the lessons of the sport, the rhythmic activities, the "imitation of intent" and encouraging imagination and creativity as points departure for a possible transformation of this hegemonic model. We note the possibilities and contributions of these alternative experiences of practice in improving specific skills of the students and the possibility of the school football can become a space of freedom, creativity and inclusion of students 'common'. The results of the trial were amazing and promising.

Keywords: Football; Freedom; Creativity; Imitation of Intention; Rhythmical Activities

IMITACIÓN DE INTENCIÓN Y ACTIVIDADES RÍTMICOS EL ESPACIO ABIERTO PARA LA CREATIVIDAD CASI FALTA DE CAMPOS DE FÚTBOL?

RESUMEN

Los jugadores de fútbol actúan muy parecido. Hemos observado que la mayoría de ellos domina, pases, regates, dispara de forma muy homogénea; tenemos la impresión de que los gestos son siempre los mismos y las ofertas audacia son cada vez más escasos. Hemos llevado a cabo un estudio con el fútbol escuelita FEF-UFMT, basado en la teoría de "si-movimiento", utilizando las lecciones de este deporte, las actividades rítmicas, la "imitación de intención" y fomentar la imaginación y la creatividad como puntos partida para una posible transformación de este modelo hegemónico. Tomamos nota de las posibilidades y las contribuciones de estas experiencias alternativas de la práctica en la mejora de las habilidades específicas de los estudiantes y la posibilidad de que el fútbol de la escuela puede convertirse en un espacio de libertad, la creatividad y la inclusión de los estudiantes "común". Los resultados del estudio fueron sorprendentes y prometedores.

Palabras clave: Fútbol; La Libertad; La Creatividad; La Imitación de la Intención; Actividades Rítmicas

Recebido em: março/2016
Aprovado em: setembro/2016